

# IX ENCONTRO DE FORMADORES EM TERAPIA DE FAMÍLIA

Cuidando para cuidar

Rosana Rapizo

Outubro 2009

# IX ENCONTRO DE FORMADORES EM TERAPIA DE FAMÍLIA

Refletindo sobre o cuidado com as  
equipes e profissionais que trabalham  
em situações de violência  
intrafamiliar.

# Formando e cuidando de equipes que trabalham com violência intrafamiliar

❑ Lembrar da maior quantidade de ditados populares, provérbios, ou piadas sobre mulheres, homens e a relação entre homens e mulheres.

❑ Como as crenças e os pré-conceitos refletidos nestes ditos populares podem ajudar a sustentar, naturalizar ou tornar invisíveis práticas violentas nas relações entre homens e mulheres?

Que crenças eu carrego comigo que podem sustentar, naturalizar ou tornar invisíveis práticas violentas em minha vida pessoal ou profissional?

# O processo de formação de uma equipe

- ❑ Quem somos nós?
- ❑ O que sabemos e pensamos sobre violência?
- ❑ Que papel tem a violência na minha vida profissional e pessoal?
  - ✓ Meus saberes
  - ✓ Meus preconceitos
  - ✓ Meus medos
  - ✓ Minhas curiosidades
  - ✓ Minhas necessidades

# Orientadores para reflexão sobre nossa atuação nos contextos de violência intrafamiliar: usados a cada atendimento

- Quais são nossas crenças (sobre famílias, gênero, casais, violência, etc.) que podem estar ajudando a sustentar estes circuitos violentos?
- Qual o alcance e o efeito da linguagem que usamos? Esta linguagem favorece as mudanças?
- Que recursos podemos usar para o atendimento a estas pessoas? Precisamos rever pré-conceitos sobre nossa prática?

# QUEM TRABALHA EM CONTEXTOS DE VIOLÊNCIA PODE SE SENTIR:

Marcelo Pakman

- ❑ Sufocado por histórias cujo conteúdo é tal que vai além do que se pode testemunhar sem sucumbir à desesperança, à impotência, à falta de entusiasmo, etc;
- ❑ Localizado em uma interseção definida por múltiplos sistemas envolvidos na situação, onde o profissional pode aparecer como o executor alienado de algo que as instituições estão solicitando;
- ❑ Sendo identificado pela rede social com a qual espera honestamente colaborar como sendo parte do “sistema” e, portanto, suspeito de ter compromissos ocultos

# Alguns sintomas do desgaste profissional

- ❑ Físicos: cansaço, dor de cabeça, nas costas, problemas com sono, apetite.
- ❑ Comportamentais: atrasos e faltas ao trabalho, perda do entusiasmo, dificuldade para tomar decisões, rigidificação, irritabilidade.
- ❑ Interacionais: isolamento dos colegas, irritabilidade com os colegas de trabalho, fechamento para novas informações.

# Alguns sintomas do desgaste profissional

- ❑ Psicológicos: desmotivação, sensação de vazio, baixa auto-estima, visão negativa da vida e dos demais.
- ❑ Espirituais: perda da fé e do sentido do trabalho, crise de valores e de vocação profissional, mudanças em afiliações e grupos de referência.
- ❑ Na prática clínica: excessiva distância ou proximidade dos pacientes, culpar os clientes pelo que lhes acontece, aumento do uso de categorias diagnósticas, sono durante os atendimentos, hostilidade ou tédio com os clientes.

Aron, Ana Maria & Llanos, Maria Teresa: Cuidando a los que cuidan.

# Algumas pseudo soluções

- Tornar-se “hiper-profissional”: limitar-se a “fazer seu trabalho”, tratando de defender uma identidade profissional definida por um treinamento e aprendizagem com muita frequência isolados do contexto socio-econômico-cultural em que estamos cotidianamente trabalhando;

# Algumas pseudo soluções

- ❑ Tornar-se um “hiper-especialista”: limitar sua intervenção a finalidades técnicas, funcionando como aplicador de testes ou avaliador de disfunções, suportado por programas de treinamento cegos a parâmetros individuais;
- ❑ Tornar-se “hiper-político”: passa à dimensão política convencido que não há nada a fazer na dimensão terapêutica;
- ❑ Tornar-se o “salvador” de alguns poucos

# Algumas estratégias de cuidado no nível institucional

- Assegurar condições mínimas de resguardo da integridade pessoal no trabalho.
- Facilitar e assegurar espaços informais ou sistemáticos de esvaziamento e descompressão.
- Desenvolver estilos de liderança democráticos e que focalizem os recursos dos profissionais.
- Fomentar a resolução não confrontativa dos conflitos e diferenças nas equipes.
- Ativar e fortalecer as redes profissionais.

# Algumas estratégias de cuidado no nível institucional

- Apoio institucional para a formação contínua dos profissionais.
- Promover o compartilhamento de marcos teóricos e ideológicos.
- Proporcionar consultorias profissionais.

# Algumas estratégias de cuidado pessoais e relacionais

- ❑ Desenvolver formas de registro e visibilização do mal estar.
- ❑ Reconhecer e respeitar os limites.
- ❑ Criar e manter espaços de esvaziamento, interlocução e compartilhamento.
- ❑ Manter de áreas pessoais e de distração não contaminadas com temas ligados à violência.
- ❑ Evitar autoresponsabilizar-se e/ou culpabilizar os outros em excesso.

# Algumas estratégias de cuidado nas equipes

- ❑ Compartilhar as decisões com a equipe.
- ❑ Estabelecer relações de confiança entre os membros da equipe.
- ❑ Criar e manter métodos de avaliação contínua do trabalho e das relações da equipe.

# Avaliação da metodologia de trabalho

Perguntas para a equipe e para a família com o objetivo de avaliar a forma de trabalho e modificar o que fosse necessário a partir das respostas.

# Para a equipe:

- O que no processo do nosso trabalho (atendimento, conversas sobre casos, conversas informais, estudo, supervisão) tocou, teve um impacto especial sobre você?
- Como você usa ou pode usar isto em sua vida profissional ou pessoal?

# Categorias

- Organização da consulta.
- Trabalho conosco ou: como transformar dificuldades em recursos clínicos.
- A equipe

# Organização da consulta

- ❑ Ensaiar diversas maneiras de estabelecer o vínculo com cada família.
- ❑ Organização conjunta de cada encontro com flexibilidade em relação a formatos.
- ❑ Atenção diferenciada a questões de organização espacial e temporal das consultas.
- ❑ “Entrevistas de esclarecimento”

# Como transformar dificuldades em recursos

- ❑ Exercício em relação aos nossos preconceitos.
- ❑ Conexão com o autor da violência.
- ❑ Forma de falar e de calar.
- ❑ Transformar a emoção em ferramenta.

# A equipe

- ❑ Como espaço de elaboração e diluição de sentimentos.
- ❑ Como apoio e respaldo em situações difíceis ou na elaboração de estratégias e intervenções.
- ❑ Espaço de construção de vínculos e possibilidade de ação conjunta.
- ❑ Espaço de cuidado mútuo.
- ❑ Equilíbrio entre o processo e o resultado: ajuda a “acreditar no processo”.

# Práticas que adotamos e consideramos úteis.

- Ter mais tempo do que o necessário para o atendimento.
- Manter intervalos entre os atendimentos.
- Não sucumbir à tentação de atender a todos.

# Práticas que adotamos e consideramos úteis.

- Reservar encontros para avaliação periódica.
- Manter uma rotina de estudo e reflexão.
- Escrever sobre o trabalho.

# Práticas que adotamos e consideramos úteis.

- ❑ Procurar não tomar decisões sem a participação de mais algum membro da equipe.
- ❑ Contar com a equipe para as decisões tomadas que não puderam ser compartilhadas.

# Práticas que adotamos e consideramos úteis.

- Manter os espaços lúdicos e de informalidade.
- Inaugurar de forma regular espaços de cuidado da equipe.
- Respeitar o tempo e a disponibilidade de cada um sem questionar.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ Nunca damos por suposto o que é um ato de violência para todos.
- ❑ Incluímos no contexto terapêutico as definições mais aceitas socialmente dos atos de violência.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ As pessoas sentem, em contextos onde há violência, impossibilidade de serem ouvidos, no sentido de ser considerados, de terem voz. A sensação é de invisibilidade para o outro.
- ❑ Nossa proposta inclui o exercício permanente da escuta e do direito de se ver o mundo de formas diferentes.
- ❑ Todos terão voz e serão legitimados no espaço terapêutico.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ São sentimentos presentes: a desconexão, a distância, o congelamento, a anestesia. Além da raiva e da vergonha.
- ❑ A sensação de impotência, a culpa, a desqualificação de si mesmo e dos outros, o desamparo, e medo. A violência está profundamente ligada a situações de medo. Medo não só de quem sofre a violência, mas também de quem a comete.
- ❑ Nos contextos de violência é quase impossível planejar, ter metas ou imaginar cenários futuros.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ Estes sentimentos e situações não são exclusividade das vítimas, nem mesmo da testemunha da violência. Um de nossos maiores aprendizados foi que nestes contextos os sentimentos são bastante parecidos, embora as pessoas estejam praticando atos muito diferentes. Todos se sentem vítimas, todos em momentos diferentes sentem-se sem voz, sem protagonismo, desamparados, culpados ou fora de controle. Todos têm medo o tempo todo, de coisas diferentes.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ Observamos que as pessoas trocam freqüentemente de posição naquela ou em outras relações usando a mesma forma de comunicação, a mesma linguagem em qualquer uma delas. Muito comumente a saída de uma posição, por exemplo, de vítima, se dá assumindo a de autor.
  
- ❑ Isto nos permite sair do território de antagonismos fixos e estabelecer conexões diversas com cada um.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- Tanto quem é autor como quem sofre a violência não tem apenas esta característica e portanto pode despertar nossa curiosidade em outros aspectos, o que nos facilita a conexão com cada um.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ As pessoas que vivem nestes contextos são especialistas na arte de sobreviver a situações de enorme sofrimento. Como sobreviventes lidam com seu mundo e suas histórias com recursos imaginados e criados para sobreviver.
- ❑ Relacionam-se com as pessoas a partir destes recursos, quer estes pareçam bons ou ruins para as outras pessoas ou para eles mesmos.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

❑ A preocupação com a sobrevivência, muitas vezes física e psíquica, não permite o uso de algumas habilidades relacionais ligadas ao prazer, à generosidade, à sensação de que há tempo, processo, etc. Não permite também espaço para a reflexão. As pessoas estão sempre alertas e prontas para a ação.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ Não importa em que situação estejam as pessoas acreditamos que elas são capazes de decidir sobre o próprio destino e de conversar sobre as conseqüências de suas ações.
- ❑ Não nos compete escolher o que seria melhor para as pessoas.
- ❑ Nosso trabalho envolve a proposta de auto-implicação e auto-responsabilização a todos os envolvidos.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ Em contextos de violência as idéias ou o foco em praticas de cuidado são raras ou repetem a violência. Assim, como se cuida do corpo? Como se cuida da casa? Como eu cuido de mim para me manter dentro de uma sensação de dignidade? Como se cuida do outro? Como me sinto cuidado nas relações e nas instâncias sociais às quais recorro?

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

□ Algumas condutas mistificadas em relação ao altruísmo, à abnegação, à resignação ou, por outro lado, a condenação também mistificada em relação ao egoísmo, à rebeldia, etc. se convertem em lugares socialmente inquestionáveis e idealizados que perpassam as estratégias de cuidado de si e do outro nestes contextos.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ Os contextos de violência são contextos onde estão presentes o julgamento, a busca da lei e da ordem fora deles.
- ❑ São contextos onde se vêem a falta de limites corporais claros, de limites relacionais, de orientação espacial, temporal, que tornam necessárias muitas vezes intervenções externas, buscadas pelos próprios elementos do sistema ou não, para regular, controlar e legislar no sistema.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- Daí a presença de conversas através de processos, conselhos e outros órgãos de serviços e controle social como parte integrante da vida íntima destas pessoas. Esta situação é tipicamente uma em que a tentativa de solução se torna, recursivamente, uma parte do problema (violência).

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- Nos dirigimos aos atos de violência diretamente e não evitamos falar disto.
- Não falamos do que as pessoas não querem falar, mas não escondemos do que queremos falar.
- Nossa prática envolve a negociação sobre os temas e formas de conversação.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ Não compactuamos com a violência e portanto, nosso espaço não é neutro nem ética, nem moral, nem afetivamente.
- ❑ Não nos compete fazer juízos de valor, condenar, absolver ou justificar qualquer ato de qualquer pessoa da família.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ Não damos conta de todos os problemas das famílias e, por isso, procuramos sempre trabalhar em rede.
- ❑ Somos claros com as famílias sobre nossa comunicação com outros profissionais que estão em contato com eles.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ Nosso vínculo com a família e nosso lugar como testemunhas é uma possível contenção.
- ❑ Para trabalhar precisamos estar seguros e as pessoas que estão conosco também.
- ❑ Por isso, estes temas (limites, proteção, segurança) são parte da terapia.
- ❑ Não podemos ser ou nos sentir os únicos responsáveis pela segurança da família.

# Algumas premissas que fomos desenvolvendo ao longo do tempo

- ❑ Nosso desafio tem sido legitimar a pessoa e seu sentimento sem compactuar com seus atos de violência.